

# Las Casas — um Profeta da Causa Indígena

Roberto E. Zwetsch

De cima quiseram contemplar-te (de sua altura) os conquistadores, apoiando-se como sombras de pedra sobre seus espadões, esmagando com seus sarcásticos escarros as terras de tua iniciativa, dizendo: “Foi pago pelos estrangeiros”, “Não tem pátria”, “Traidor”, mas tua prédica não era frágil minuto, peregrina pauta, relógio do passageiro. Tua madeira era bosque combatido, ferro em sua cepa natural, oculto a toda luz pela terra florida, e ainda mais, era mais fundo: era a unidade do tempo, no transcurso da tua vida, era a tua mão antecipada estrela zodiacal, signo do povo. Hoje, Padre, entra nesta casa comigo. Vou mostrar-te as cartas, o tormento de meu povo, do homem perseguido. Vou mostrar-te as dores antigas.

(Pablo Neruda, *Canto Geral*, p. 81s.)

## Introdução

Nas vésperas da comemoração triunfalista dos assim chamados 500 Anos de Evangelização da América, faz bem reavivar nossa memória e estudar como foi esta “evangelização das gentes do Novo Mundo”. Há muitos fatos, muita desgraça que os poderosos de sempre fazem questão de deixar na sombra. É nossa tarefa como teólogos e cristãos conscientes abrir os olhos, franquear corações e mentes para a realidade histórica, para o sofrimento de milhões de seres humanos que apenas queriam viver em paz. Povos cujo erro fundamental foi terem sido curiosos e abertamente hospitaleiros com aqueles homens (deuses?) de barbas ruivas que chegavam a bordo de caravelas que pareciam cavalos no mar.

Neste texto, procuramos resgatar uma das figuras mais críticas do século XVI: *Bartolomé de Las Casas (1474-1566)*. Este homem, que também foi escravizador de índios, se converteu tornando-se frade dominicano. Como um dos mais ardorosos defensores dos índios, recebeu o título de “Defensor Universal dos Povos Indígenas”. Procuramos aqui investigar a prática pastoral e a teologia que ele formulou para fundamentar as suas decisões e a sua luta. Há quem já tenha dito que Las Casas é dos primeiros teólogos da libertação na América Latina. Este estudo procura verificar se esta afirmação faz sentido. No fim, fica uma questão para nós: de que lado nos colocamos na tarefa missionária? É possível algum tipo de neutralidade diante do outro, sobretudo quando se trata de um povo oprimido, humilhado, invadido? Dessa resposta depende nossa fidelidade ao Evangelho da graça e da bondade de Deus, manifestado em Jesus de Nazaré, bem como a solidariedade ao sujeito histórico ao qual ele se destina.

## Antecedentes

“E parece que está vivo, porque foi bom.” (José Martí.)

Como podemos imaginar este fantástico encontro entre as gentes de Guacanagarí e as gentes de Espanha no fim do século XV? Eram os deuses de barbas ruivas que chegavam mesmo? Ou quem mais poderiam ser? São pacíficos? Farão eles a nossa felicidade?

Provavelmente muitas outras perguntas dominaram o espírito daquelas gentes que simplesmente produziram o maior deslumbramento que os espanhóis, que acompanhavam Colombo nos idos de 1492, jamais sonharam. Era gente nua e formosa. No famoso *Diário* da primeira viagem, Cristóvão Colombo narra assim as suas primeiras impressões:

Eu, porque nos demonstraram grande amizade, pois percebi que eram pessoas que melhor se entregariam e converteriam à nossa fé pelo amor e não pela força, dei a algumas delas uns gorros coloridos e umas miçangas que pusei no pescoço, além de outras coisas de pouco valor, o que lhes causou grande prazer e ficaram tão nossos amigos que era uma maravilha. Depois vieram nadando até os barcos dos navios onde estávamos, trazendo papagaios e fio de algodão emovelos e lanças e muitas outras coisas, que trocamos por coisas que tínhamos conosco, como miçangas e guizos. Enfim, tudo aceitavam e davam do que tinham com a maior boa vontade. Mas me parece que era gente que não possuía praticamente nada. Andavam nus como a mãe lhes deu à luz; inclusive as mulheres, embora só tenha visto uma robusta rapariga. E todos os que eu vi eram jovens (...): muito bem feitos, de corpos muito bonitos e cara muito boa; (...). Não andam com armas (...). Não têm nenhum ferro: as suas lanças são varas sem ferro (...). Todos sem exceção, são de boa estatura, e fazem gesto bonito, elegantes.<sup>1</sup>

Este é o primeiro testemunho do primeiro encontro. Se não conhecêssemos o resto da história, poderíamos pensar que desse dia em diante algo novo, de fato, poderia ser construído.

Mas já no dia seguinte, o Almirante aguça os olhos para aquilo que mais o interessava.

Traziam novelos de algodão desfiado, papagaios, lanças e outras ninharias que seria cansativo enumerar, querendo trocar por qualquer coisa que a gente desse. E eu estava atento, me esforçando para saber se havia ouro, e vi que alguns traziam um pedacinho pendurado num furo que têm no nariz e, por sinais, consegui entender que indo para o sul ou contornando a linha naquela direção, encontraria um rei que tinha grandes taças disso e em vasta quantidade<sup>2</sup>.

Mal sabia o Almirante o que a história lhe reservava em quantidade e qualidade de ouro, pedras preciosas e tantas outras riquezas naturais nas terras que começava a conhecer. Por seu lado, jamais os da terra sonharam quão grandes desgraças lhes estavam reservadas nos anos que se seguiram.

Colombo havia chegado a uma ilha que batizou de La Hispaniola, atual

República Dominicana: era uma ilha bastante povoada, muito fértil, com águas límpidas, com matas abundantes e bons pastos, um lugar quase paradisíaco. Pelas informações que temos, o povo da terra deveria ter grandes plantações, o que lhes permitia uma vida bastante saudável e folgada.

Este encontro mudou o curso da história.

Daí por diante, nada no mundo conhecido ficaria igual. Acenderam-se esperanças e cobiças. O aventureirismo aliado ao ímpeto descobridor e bélico fez com que muitos espanhóis resolvessem jogar tudo o que tinham na empresa da conquista do Novo Mundo, como passou então a ser chamada a terra recém encontrada ao ocidente do grande Mar Oceano.

Em 1493, Colombo realizou a sua segunda viagem e nela levava um acompanhante de Sevilla, nada menos que Pedro de Las Casas, natural de Tarifa, de profissão mercador, e que só voltaria para a Espanha com o Almirante em 1498. Pedro de Las Casas era casado com Isabel de Sosa. Fora ao Novo Mundo em busca de riqueza e havia conseguido juntar alguma coisa. É este casal que vai gerar Bartolomé de Las Casas, frade dominicano que tanto furor veio a causar por toda a Espanha anos mais tarde. Sabe-se que ele nasceu em Sevilla, no mês de agosto de 1474, num lugarejo chamado San Lorenzo. Provavelmente, fez os seus estudos de humanidades em Sevilla mesmo, com o que obteve certo prestígio, respeito e honras de um clérigo culto. Conhecia bem o latim eclesiástico. O próprio Las Casas em sua *História das Índias* chama-se a si mesmo “licenciado”. Realizou, portanto, estudos jurídicos? Não há certeza. Em todo caso, que foi um brilhante formulador de leis, lá isto foi<sup>3</sup>.

Posso imaginar que as histórias contadas por seu pai e tantas outras que ouviu durante a sua juventude em Sevilla, único porto de onde partiam os navios para o Novo Mundo, acenderam-lhe um vigoroso interesse por conhecer aquelas terras e lá se enriquecer.

Quando a oportunidade apareceu, ele não perdeu tempo. Em 1502, embarcou na frota de Dom Nicolás de Ovando, que havia sido nomeado governador da Hispaniola. Lá permaneceu nos 4 anos seguintes como fazendeiro. Em 1507 viajou para Roma e nesta viagem é bem provável que tenha sido ordenado sacerdote. Viverá então como clérigo fidalgo, o que não o impediu de participar de outras conquistas no Novo Mundo, nem de receber índios e terras, como na conquista de Cuba, em 1513, quando acompanhou Pánfilo de Narváez. Aí receberá pela segunda vez, como parte dos lucros, novas encomendas de índios em Jaguá junto com Pedro de Rentería<sup>4</sup>.

Nesta primeira fase de sua vida no Novo Mundo, Las Casas assistirá como coadjuvante a muitas guerras contra os índios, cuja finalidade era submetê-los, a fim de forçar esta gente a trabalhar, sobretudo nas minas e rios, em busca de ouro e pedras preciosas.

Mas alguma coisa o desagradava. Sua consciência vivia atribulada por causa das violências, chacinas, roubos, crueldades, a que assistia e com as quais colaborava como um dos interessados.

Em 1511, um frade dominicano, Antonio de Montesinos, pregara um sermão antes do Natal que causou um enorme alvoroço na Ilha Hispaniola. Nele, Montesinos, como porta-voz da comunidade dos religiosos, de forma veemente, acusa os espanhóis pelos graves pecados cometidos contra os índios<sup>5</sup>:

Dizei-me, com que direito e com que justiça tendes em tão cruel e horrível servidão estes índios? Com que autoridade tendes feito tão detestáveis guerras a estas gentes que estavam em suas terras mansas e pacíficas, onde tão infinitas delas, com mortes e estragos nunca ouvidos, tendes consumido? Como os tendes tão oprimidos e fatigados, sem dar-lhes de comer nem os curando de suas enfermidades, de modo que devido aos excessivos trabalhos que lhes dais adoecem e morrem, e por melhor dizer, os matais para sacar e adquirir ouro todo dia? E que cuidado tendes de quem os doutrine, e conheçam a seu Deus e Criador, sejam batizados, ouçam missa, guardem as festas e domingos? Não são estes homens? Não têm almas racionais? Não sois obrigados a amá-los como a vós mesmos? Isto não entendeis? (...) Tendes por certo que no estado que estais não vos podeis mais salvar como os mouros ou turcos que carecem e não querem a fé de Jesus Cristo.

Alguns historiadores dizem que Las Casas esteve presente ouvindo este sermão. É muito improvável. Ele vivia em Cuba nesta época. Mas certo é que este sermão e suas repercussões chegaram aos seus ouvidos e foram um motivo a mais para cavilar as suas dúvidas quanto à justiça da guerra contra os índios e sua escravização<sup>6</sup>.

Como é possível tratar tão mal a esta gente? Não são também eles filhos do mesmo Deus? E mais fundo, pode um ser humano livre ser propriedade de outro seu irmão? Mas, e os frades, não estarão indo longe demais com suas pregações? Como irá subsistir a empresa colonial sem braços que trabalhem e produzam a riqueza? Las Casas estava entre dois fogos: de um lado, sua consciência cristã; de outro, seus interesses de classe muito concretos.

## A Conversão de Las Casas

Eu vi as cousas acima referidas e um número infinito de outras; e pois que os que podiam fugir ocultavam-se nas montanhas a fim de escapar a esses homens desumanos, despojados de qualquer piedade, ensinavam cães a fazer em pedaços um índio à primeira vista. Esses cães faziam grandes matanças (...).

(Bartolomé de Las Casas<sup>7</sup>.)

Para entender a importância da mudança que se operou na vida de Las Casas, é preciso que nos detenhamos em analisar o que conformava a sociedade colonial nos inícios do séc. XVI, ainda no período da conquista do Novo Mundo. Fernando Mires aponta quais são os segredos do mistério: o que há por trás do empreendimento da conquista e seus diversos protagonistas, como a Coroa espanhola, a Igreja, o clero e os conquistadores particulares, são duas instituições que marcaram toda a vida naqueles tempos e lugares:

os repartimentos de índios, cuja forma principal foi a encomenda, e os tributos devidos ao Rei e à Igreja<sup>8</sup>.

A encomenda é uma forma de contrato completamente paradoxal, no qual o principal atingido não contava: o índio. Era apenas um número. Total desumanização. Por meio dela, o Rei encarregava uma quantidade de índios ao conquistador para que este cuidasse deles (sic) e os cristianizasse (sic). Em troca de tão inestimáveis préstimos (sic), os índios trabalhariam para o encomendeiro cristão, de modo que seus serviços não sofressem qualquer prejuízo. A legitimação da encomenda era francamente religiosa. Já a sua prática...

No fundo, a encomenda era uma escravização disfarçada. O problema é que ela surgiu espontaneamente, como o produto direto da conquista e prática militar. Mires diz que até se pode encontrar antecedentes medievais, mas a concreção que a encomenda assumiu no processo de expansão ultramarina e de invasão e escravização de povos inteiros é algo totalmente distinto e inusitado<sup>9</sup>.

Os tributos, por sua vez, foram instituídos logo no início na empreitada por Colombo. Ele impõe que

(...) os vizinhos maiores de 14 anos de idade das províncias de Cibao e de la Vega Real e a todos os que viviam próximo das minas um tributo consistente em certa quantidade de ouro cada três meses; os índios não vizinhos das minas deviam entregar uma arroba de algodão por pessoa<sup>10</sup>.

Em 1497, Colombo impõe aos índios das mesmas províncias serviços agrícolas e mineiros em favor dos espanhóis. Poderíamos perguntar, com razoável indignação, com que direito? Mas esta pergunta simplesmente não cabia naquela situação. Os conquistadores tinham por certo e por direito divino que aqueles povos deviam servi-los incondicionalmente.

Chegou-se a tal ponto nesta questão que um jurista da Corte, Palácios Rúbios<sup>11</sup>, formulou um texto conhecido como *Requerimiento*<sup>12</sup>, em 1513, cujo conteúdo é uma verdadeira monstruosidade. E. Hoornaert resume o texto nos seguintes pontos<sup>13</sup>:

1. Todos os homens são descendentes de Adão e Eva, e se espalharam pelo mundo inteiro.

2. Deus, que é Senhor de todos os homens, deu a um deles que se chama São Pedro o encargo “de ser Senhor e Mestre de todos os homens do mundo”. Por isso, Deus pediu a S. Pedro que morasse em Roma, para daí governar o mundo inteiro. O sucessor de Pedro se chama papa, isto é, “admirável, pai supremo, chefe universal”.

3. Um destes papas deu, em tempos passados, “estas ilhas e continentes” aos reis católicos de Castela “de presente”.

4. Por isso pedimos que os índios considerem o presente “requerimento” e aceitem a Igreja como “mestra e Senhora do mundo inteiro”, o papa como “sumo sacerdote”, o rei e a rainha da Espanha como “Senhor destas ilhas e destes continentes”.

5. Se vocês aceitarem o nosso requerimento, vocês serão bem tratados;

senão, seremos forçados a fazer a guerra contra vocês, a “cativar as suas mulheres e seus filhos e a reduzi-los a escravos”.

Este documento valeu por três décadas e é uma expressão aberrante do formalismo e da mentalidade burocrática espanhola do séc. XVI. Ele foi assinado pelo bispo de Palência e todos os membros do conselho episcopal. Era lido pelo menos três vezes diante dos índios antes das guerras, e frente ao assombro dos índios e sua total ignorância do que se passava (muitas vezes não entendiam sequer o espanhol), os espanhóis invadiam as aldeias, matando, roubando, pisoteando, sem respeitar mulheres, crianças, velhos, ninguém.

Tudo isto Las Casas conheceu muito bem porque participou em muitas ocasiões de fatos que mais tarde irá relatar em seus volumosos escritos.

Alguns de seus biógrafos dizem que, junto com a observação desta triste realidade, ajudou na sua conversão um sermão que pregou sobre um texto do Eclesiástico 34.25-27, onde lemos: “O pão dos indigentes é a vida dos pobres; quem dele os priva, é sanguinário. É assassino do próximo quem lhe rouba os meios de subsistência; derrama sangue quem priva o assalariado de seu salário.”

Ele próprio conta em seus testemunhos que um dos fatos que provocou a conversão foi a negação de absolvição de seus pecados por parte do Prior dominicano Pedro de Córdoba. Parece que isto calou fundo no coração atribulado do clérigo que fora confessar-se com um irmão.

De qualquer forma, em meados de 1514 Las Casas toma a decisão que vai modificar o rumo de sua vida. Decide devolver ao governador Diego de Velásquez seus lotes de índios e prega em Sancti Spiritu (Cuba) onde residia, seu primeiro sermão contra os encomendeiros.

Não que nesta primeira hora tudo já estivesse claro e definido. Muitos outros fatos irão atingi-lo e modificá-lo daí por diante. Mas o primeiro e fundamental passo fora dado. Com a graça de Deus, outros viriam, mais radicais, mais profundos. Pois ele ainda viveria mais de 50 anos, anos de muita luta, controvérsia, solidão, sofrimento, lágrimas, desânimos, frustrações, mas, sobretudo, tenacidade e fé.

Las Casas tornou-se defensor dos índios e deixa muita gente ao seu redor estupefato. Muitos anos depois, ele iria escrever o seguinte sobre esta época:

Todos se mostravam admirados e chocados com o sermão. Alguns sentiam-se abalados, outros pareciam estar sonhando. Estariam ouvindo certo, o que soava como palavra inacreditável? Então, seria pecado conservar os índios como escravos? Não era o mesmo que se lhes dissessem que não lhes era permitido fazer uso dos animais na lavra dos campos?<sup>14</sup>

Logo, porém, ele percebeu que a luta seria dura e nada fácil. Por isso entendeu que era preciso buscar a ajuda e o apoio dos reis. Foi a Santo Domingo, na Ilha Hispaniola, conversar com Frei Pedro de Córdoba, o qual decide enviá-lo à Espanha junto com o frei Antonio de Montesinos. Começa então uma demanda junto à Corte que redundará em dois famosos

memoriais, os de 1516 e 1518, onde ele expõe detalhadamente como deve ser uma colonização e evangelização pacíficas. Consegue o apoio do Cardeal Cisneros, então Regente do trono, e em 1516 volta à Ilha Hispaniola, acompanhado de uma missão de visitantes composta por três frades jerônimos. Nesta demanda é que Las Casas é nomeado “defensor e protetor universal de todos os povos indígenas”, recebendo um salário anual de 100 pesos ouro<sup>15</sup>.

### A Teologia de Las Casas

(...) Conseqüentemente, o modo de ensinar-lhes aos homens a verdadeira religião deve ser delicado, doce e suave. Porém este modo não é outra coisa que a persuasão do entendimento e a moção da vontade (...). (Las Casas, *Del Unico Modo*, p. 67.)

A visita dos jerônimos foi um fracasso para a luta de Las Casas, pois acabaram apoiando aos encomendeiros. Voltam todos em 1517 para a Espanha. Las Casas é despojado de seus poderes pelo Cardeal Cisneros, que felizmente morre logo, e a coisa não fica pior para o frade. Mas Las Casas retira-se para Valladolid bastante desiludido. Entre 1518-1519 trabalha em prol do seu plano de colonização pacífica. Em 1520 recebeu de Carlos I (depois Carlos V) a região de Cumaná (Venezuela) para começar seu projeto. Mas ele fracassa porque os próprios espanhóis que foram escolhidos para dar início ao plano, em chegando à terra praticam as maiores barbaridades, roubando, matando, aniquilando aldeias, inviabilizando o empreendimento. Por seu lado, os índios resistiam lutando contra os colonizadores<sup>16</sup>.

Talvez uma das poucas experiências que tenham dado certo foi a de Verapaz, na Guatemala, iniciada em 1536. Este projeto representa uma aliança entre o Estado espanhol e o grupo dos indigenistas mais radicais, como Las Casas. Ele mesmo não esteve tão diretamente envolvido, pois estava na Espanha. Mas trabalhou muito para levantar fundos, fazer propaganda, defendendo como podia esta iniciativa. Alguns dizem que a razão do sucesso pode muito bem ter sido o próprio espírito combativo dos índios de Tezulatlán, que afastou por muito tempo os espanhóis daquela região.

Com isto podemos entrar naquilo que Mires denomina de a “inteligentzia” clerical-indigenista. Este autor se recusa a concentrar na figura de Las Casas a luta em defesa dos índios. Ele afirma que houve um *núcleo básico* que desde os primeiros momentos questionou radicalmente a escravidão dos índios<sup>17</sup>. E, fazendo isto, punha em tela de juízo toda a vida da colônia e suas estruturas incipientes.

Vários dos antigos alunos de Francisco de Vitória fizeram parte deste grupo que, embora reduzido, foi de grande combatividade. Alonso de la Vera Cruz no México, Bartolomé de Ledesma no Peru, Domingo de Salazar e Miguel de Benavides nas Ilhas Filipinas, Miguel de Salamanca e ou-

tros são alguns nomes. Os dominicanos formavam um verdadeiro reduto de anti-escravagistas. Já os franciscanos foram muito reticentes. Na Espanha, Matías Paz, em 1512, já negava que pudesse haver guerra justa e conseqüente escravização.

Las Casas deve ser visto como um expoente desse grupo. Será um fator importante na sua elaboração teórica, teológica e jurídica, ética e pastoral, a decisão que tomou em 1523, depois do fracasso de Cumaná, de entrar para a Ordem dos dominicanos. Ele se recolhe ao convento e aí estuda e escreve. Entrementes, realiza viagens ao México e Nicarágua.

Esta decisão será mais um passo de Las Casas na definição de suas posições. Se até aí ainda admitia certos compromissos, passa a radicalizar sempre mais, em particular contra a encomenda.

### **1. "Del Unico Modo de Atraer a todos los Pueblos a la Verdadera Religion"<sup>18</sup> (1537)**

Las Casas é um homem de ação. E é em meio às suas lutas que ele vai escrevendo as suas obras. *Del Unico Modo* surge depois de muitos anos de experiência. Las Casas conhecia quase toda a atual América Central e o Caribe. Poucos como ele adquiriram tão larga visão e possuíam tanta informação. Mas chama a atenção que esta obra seja de cunho mais teórico. Ele vai discutir como deve ser feita a evangelização dos povos infieis. Começa afirmando que a grande comissão de Jesus: "Ide e pregai a todas as criaturas" inclui os índios americanos. Que as guerras contra eles eram injustas e tirânicas. Que só há um modo de atraí-los ao Evangelho, que é o modo pacífico, suave e doce, e que, como nada disto foi observado no Novo Mundo, os espanhóis estão obrigados a restituir todo o ouro, prata, pérolas, jóias e terras usurpadas aos índios. Las Casas argumenta de mil e uma maneiras esta sua tese principal, embora do original só tenham chegado até nós os capítulos 5, 6 e 7 do Livro primeiro<sup>19</sup>.

Já aí seu julgamento era claro: quem quisesse o contrário se chamaria um violador e destruidor da disposição divina (69). E por que deve ser assim a evangelização? Porque ninguém crê contra a vontade, daí que o próprio Cristo estabeleceu pregar o evangelho de forma persuasiva para o entendimento e atrativa para a vontade (204). E este modo deve se observar até o juízo final (205).

Os pregadores, por sua vez, devem proceder à pregação sem qualquer resquício de ambição de riquezas. Esta é a segunda parte do modo (237). Os pregadores devem mostrar-se afáveis, cheios de amor pelos infieis, mansos, ter uma vida exemplar e pregar de tal forma que pelo menos a pregação seja proveitosa a eles próprios (241).

Mas não é isto que Las Casas observa na realidade das Índias. Sucede que por nenhuma parte se encontra vestígio da caridade evangélica. Por isto, diz ele, havemos de dar conta não somente de nossos pecados, como também dos danos alheios cuja causa sejamos nós mesmos (251).

Diz então que na verdade “muitíssimos daqueles homens podem governar-nos, seja na vida monástica, na vida econômica, seja também na política, podendo também ensinar-nos e reduzir-nos aos bons costumes; e mais todavia, podem dominar-nos com a razão natural como disse o Filósofo” (321). Apóia-se na bula do papa Paulo III de 2/6/1537 para dizer que os índios são livres e assim devem ficar

O modo contrário a este é a guerra. É aquela que exige primeiro a sujeição dos infiéis ao povo cristão, para só então lhes pregar a fé de uma maneira ordenada. Como nenhum povo se submete voluntariamente, a guerra é inevitável (343).

E assim destrói-se a própria possibilidade de crer. Pois este modo guerreiro alimenta o ódio dos infiéis (357). Assim, todos estes homens que fazem tal guerra (...) estão privados do amor de Deus, estão em estado de ódio contra Deus, e assim completamente fora da caridade (376). Las Casas não perdoa, amaldiçoa inapelavelmente. Sua fundamentação é das mais simples. Pergunta: eles (os espanhóis) gostariam de serem tratados como tratam os índios (cf. Mt 7)? É um argumento interessante e bem tradicional. Ou então cita 1 Jo 3: “pois o amor ao próximo não obra o mal”.

Ocorre que precisamente é este mal que domina tudo, daí perguntar-nos se não há em Las Casas um otimismo ingênuo próprio do humanismo renascentista. Não seria esta uma explicação para o fato de ele ter privilegiado a luta por leis mais justas e humanas para os índios? Sabemos muito bem da eficácia das leis e podemos imaginar que também Las Casas estivesse consciente desse problema. Ainda assim, ele não arredou pé da proximidade com o trono na defesa dos índios.

Por fim, las Casas propõe a idéia da restituição. “Todos os homens que são ou sejam causa da mencionada guerra (...) estão obrigados, com necessidade de meio para a sua salvação, a restituir-lhes, aos mesmos fiéis danificados, tudo o que lhes tenham arrebatado com tal guerra (...)” (448). Pois a obrigação que pesa sobre os espanhóis, além desta restituição solidária, é a satisfação dos danos, injúrias e ultrajes, ainda que “nunca durante a vida poderão satisfazer, nem no mais mínimo, por tantos males que fazem, e oxalá que antes de morrer possam arrepender-se de verdade de crimes tão horrendos” (465s.). E isto vale também para os religiosos que são responsáveis por aflições corporais, como açoites, cárceres e outras penas contra os índios (468).

## 2. “Brevíssima Relação da Destruição das Índias”<sup>20</sup>(1552)

Este livro já fez história<sup>21</sup>. Foi publicado em 1552 por Las Casas com o intuito de exercer uma pressão moral sobre a própria Espanha acerca dos crimes que praticara e continuava praticando na América contra os índios. Alemães, franceses, ingleses, flamengos trataram de traduzir e divulgar a obra com propósitos diferentes, isto é, anti-hispânicos. Las Casas, de qual-

quer modo, tinha consciência da repercussão que o seu relato causaria. Talvez bem por isso, aguardou 10 anos para publicá-lo. Em 1542 quando o escreveu, fez a primeira leitura pública para o rei Carlos V.

A *Brevíssima Relação* é uma verdadeira antologia dos horrores da conquista perpetrados pelos espanhóis contra esta gente das Índias que Las Casas não cessa de caracterizar como

mui simples, sem finura, sem astúcia, sem malícia, mui obedientes e mui fiéis a seus senhores naturais e aos espanhóis a que servem; mui humildes, mui pacíficas e amantes da paz, sem contendidas, sem perturbações, sem querelas, sem questões, sem ira, sem ódio e de forma alguma desejosos de vingança. São também umas gentes mui delicadas e ternas; sua compleição é pequena e não podem suportar trabalhos (...). São gente mui pobre, que possui poucos bens temporais, nem mesmo são soberbos, nem ambiciosos, nem invejosos. (27s.)

Diante desta descrição bastante genérica e um tanto idealizada mas altamente positiva dos índios, que funciona como pano de fundo, virá a narração da destruição deles pelos espanhóis. Las Casas é muito claro em sua exposição: os espanhóis se arremessaram contra os índios como lobos, como leões e tigres cruéis esfaimados e só fizeram despedaçar, matar, afligir, atormentar e destruir mais de 3 milhões de almas só na Ilha Espanhola, na qual, nesse ínterim, diz que só restam em torno de 200 pessoas (28).

Se os números não são muito confiáveis, a realidade da desgraça deve ter sido esta mesma, e modernos estudos feitos por pesquisadores contemporâneos revelam estatísticas assombrosas da violenta e rápida depopulação que a conquista provocou na América no início do séc. XVI.

Qual terá sido a causa para tanta crueldade, quase se poderia dizer, patológica? Afirma Las Casas: “A causa pela qual os espanhóis destruíram tal infinidade de almas foi unicamente não terem outra finalidade última senão o ouro, para enriquecer em pouco tempo, subindo de um salto a posições que absolutamente não convinham a suas pessoas” (30). Os índios, por seu lado, nunca chegaram a “causar desprazer algum aos espanhóis”, numa alusão à própria visão que Colombo nos oferece nos seus diários.

O que os espanhóis fizeram foi tirania (30).

O certo é que as guerras visavam em primeiro lugar submeter estes povos. Uma vez mortos os homens, eram reservadas as pessoas jovens, as mulheres e as crianças que distribuíam entre si (37). Os homens sobreviventes eram enviados às minas, a fim de extrair o ouro, que é um trabalho intolerável, enquanto as mulheres eram forçadas a trabalhar nos campos, lavrando e cultivando as terras. Tanto a uns como a outros não lhes davam de comer conforme necessitavam, de tal sorte que “o leite secava nos seios das mães e assim em pouco tempo morriam todas as criancinhas. E em virtude de estarem os maridos separados, não coabitando com suas mulheres, a geração cessou entre eles” (38).

Assim, Las Casas vai desfiando um verdadeiro rosário de mazelas, crueldades, sofrimentos que se passaram em todas aquelas ilhas do Caribe,

e, também na terra firme. Um longo e preciso relato que não pode deixar qualquer dúvida na mente do leitor.

Las Casas diz que desde o começo até a hora em que escreve os espanhóis nunca tiveram o mínimo cuidado em procurar fazer com que a essas gentes fosse pregada a fé de Jesus Cristo (...) e o que é pior é que até proibiam expressamente aos religiosos de o praticarem. Quer dizer, ele põe a nu a falsidade do argumento religioso da conquista (112).

Declara e protesta já no fim do livro, em boa consciência perante Deus, que os prejuízos e as perdas são enormes, com a destruição e arrasamento de vilas, massacres e matanças, com as crueldades horríveis e odiosas, com as violências, iniquidades e latrocínios (112).

Apela ao leitor: que todos os que lerem estas páginas, pelo amor de Deus, considerem se é ou não verdade que as crueldades dos espanhóis ultrapassam todos os limites imagináveis e se é ou não justo que se chamem os espanhóis de diabos. E qual seria o suplício maior, encomendar os índios aos diabos do inferno ou aos espanhóis que estão nas Índias (111)?!

No *post scriptum* à obra faz uma nota da rebelião que houve no Peru por parte dos encomendeiros que não aceitavam as Novas Leis que foram promulgadas em 1542, acrescentando que os índios são mantidos em cativo perpétuo e que lá onde não matam à espada e de um só golpe, matam pouco a pouco por meio de servidões pessoais e trabalhos intoleráveis (115).

É uma obra de denúncia, para qual a consciência cristã proveniente da fé é pressuposta. Las Casas pede a compaixão dos cristãos diante dos pobres índios inocentes. Aqui não temos qualquer desenvolvimento teológico.

Quase em tom apocalíptico, Las Casas afirma que entre outras razões escreveu por desvelo e compaixão de sua pátria, Castela, a fim de que Deus não a destruía pelos seus grandes pecados cometidos contra a Fé (113). No *Extrato do Protesto de Las Casas*, diz ele: “E por todos esses pecados (como bem sei pela Santa Escritura) Deus castigará horrivelmente e é possível mesmo que destruía inteiramente a Espanha (141)”.

## A Disputa com Sepúlveda

Las Casas durante sua longa vida teve muitos inimigos. Sepúlveda foi um deles, dos mais brilhantes como grande intelectual de sua época. Este Juan Ginés de Sepúlveda ficou tristemente conhecido por ser um defensor da causa escravagista, isto é, por tentar defender uma causa que é contra os próprios princípios da convivência entre os povos e indivíduos<sup>22</sup>.

Sepúlveda defende um particular nacionalismo imperial. Mas por detrás dele podemos perceber um poderoso e novo setor social, a nova classe dos encomendeiros das Índias que se utiliza dela para combater o movimento indigenista, no qual Las Casas é um prócer.

Ele escreveu um livro, *Democrates alter...*, de 1544/45, onde defende

a guerra justa. Tal justificativa se baseava numa estranha antropologia que tem seus fundamentos na *Política*, de Aristóteles.

O perfeito deve imperar e dominar sobre o imperfeito, o excelente sobre seu contrário (...). Por isso, o varão impera sobre a mulher, o homem adulto sobre a criança, o pai sobre seus filhos, isto é, os mais poderosos e perfeitos sobre os mais débeis e imperfeitos<sup>23</sup>.

Para ele, a conquista é uma obra civilizadora. Dizia:

Que coisa pode suceder a estes bárbaros mais conveniente e mais saudável que o ficar submetidos a aqueles cuja prudência, virtude e religião os hão de converter de bárbaros, tais que apenas mereciam o nome de seres humanos, em homens civilizados em quanto possam sê-lo; de torpes e libidinosos, em probos e honrados; de ímpios e servos dos demônios, em cristãos e adoradores do verdadeiro Deus?<sup>24</sup>.

É contra este homem e estes pensamentos que Las Casas se insurge numa violenta disputa que teve lugar em Valladolid em 1550. No *Sumário*<sup>25</sup> da disputa, podemos ler que o argumento de Sepúlveda apresentava duas conclusões principais:

1. que as guerras que foram feitas pelos espanhóis nas Índias foram justas, quanto à causa e ao direito em cujo nome foram movidas, e que estas guerras podem e devem ser feitas;

2. que os índios são obrigados a submeter-se para serem governados pelos espanhóis, como os menos sábios devem se submeter aos mais prudentes e sábios; e que, se não se submeterem, os espanhóis podem mover-lhes guerra.

Las Casas responde que são justamente essas as duas causas que determinaram a morte de milhões de seres humanos nas Índias e a perda de muitas léguas de terra, que foram despovoadas. Por isso Las Casas fez tudo para impedir a publicação do livro, o que conseguiu, pois as Universidades de Salamanca e Alcala consideraram que o livro continha doutrina insana. Mas na disputa havida, Sepúlveda torna à carga obrigando Las Casas a fazer brilhante defesa de sua causa. Fala ininterruptamente por cinco dias. Fixa alguns critérios como este:

Nenhum cristão pode lícita e honestamente confirmar e defender a autoridade que se diz apostólica nem a dominação de um rei cristão com guerras injustas, cobrindo montanhas e campos de sangue inocente, com infâmia e blasfêmia para Jesus Cristo e a fé. Senão que ao contrário isso constitui uma difamação da Sé Apostólica que assim vê sua autoridade diminuída e o verdadeiro Deus desonrado, tornando-se o verdadeiro título e direito dos reis de Castela nulo<sup>26</sup>.

Todorov, que estudou em detalhe a disputa, afirma que neste debate Las Casas dá um grande salto teórico ao adotar o perspectivismo em assuntos de religião. Na sua *Apologia* escrita para contrarrestar Sepúlveda, ele afirma que os homens adoram o verdadeiro Deus “ou aquele que pensam ser”

“o verdadeiro Deus ou aquele que, por engano, eles pensam ser o verdadeiro Deus”. Ora, reconhecer isto já é um passo no sentido de relativizar a própria religião “verdadeira” (como no *Del Unico Modo*, 1537). Assim, conclui Todorov, o que resta de comum e universal não é mais o Deus “da religião cristã, ao qual todos deveriam chegar, mas a própria idéia de divindade, daquilo que está acima de nós; a religiosidade, e não a religião (que é sua concreção, RZ), é o pressuposto de seu raciocínio, e também seu elemento mais radical”<sup>27</sup>.

Todorov é da opinião que a partir desse debate Las Casas passa a praticar uma espécie de antropologia religiosa, apesar do anacronismo do termo, pois ele dá um passo fundamental ao relativizar a própria religião e aceitar a religião do outro como válida. E até mais, ele chega a dizer que os astecas são superiores aos cristãos em matéria de religiosidade<sup>28</sup>.

O importante é destacar que Las Casas chega a tais conclusões a partir da sua própria concepção cristã, com todos os preconceitos e limitações que dominavam na época. Isto é verdadeiramente admirável.

No final da disputa, o juiz Francisco de Vitória deu um veredito favorável a Las Casas e derrubou os argumentos escravagistas de Sepúlveda (20/1/1551)<sup>29</sup>.

### Avaliação Crítica

A luta jurídica pelo reconhecimento da dignidade humana dos índios teve que se dar na península ibérica. O mérito indiscutível de Bartolomé de Las Casas consiste em ter lutado sem descanso esta batalha. (H.-J. Prién.)

Gustavo Gutierrez<sup>30</sup> afirma que Las Casas é um veemente defensor da igualdade de todos os seres humanos.

Desde a sua origem — afirma Las Casas — todas as criaturas racionais nascem livres, e porque numa natureza igual Deus não nos fez a um escravo do outro, antes a todos concedeu idêntico arbítrio; e a razão é que a uma criatura racional não se a subordina a outra como por exemplo um homem a outro homem. Porque a liberdade é um direito presente nos homens por necessidade e por si desde o princípio da criatura racional, e por isso do direito natural.

Quase estamos diante da moderna Declaração Universal dos Direitos Humanos, apenas promulgada pela ONU em 1948. Sem dúvida, Las Casas foi um precursor na luta pela dignidade de todos os homens, sem distinção de raça, classe, sexo ou religião.

Desde cedo no contato com os índios Las Casas foi desenvolvendo a sua consciência acerca das injustiças praticadas. Mas é só mais tarde que vai chegar a conclusões como esta: maltratar os índios é como maltratar o próprio Jesus.

Pois desta maneira, senhor, fiz eu, porque eu deixo nas Índias a Jesus Cris-

to, nosso Deus, açoitando-o e afligindo-o e batendo-o e crucificando-o, não uma mas milhares de vezes, quando é parte dos espanhóis que assolam e destroem aquelas gentes.<sup>31</sup>

Os inimigos de Las Casas afirmaram muitas coisas sobre ele. De fato, foi um homem controverso, contraditório até. Disseram dele que seria anti-espanhol, mentiroso, orgulhoso, até paranóico, como tenta provar o historiador Menéndez Pidal. Mas nenhuma destas acusações se sustenta. Las Casas foi, de fato, um reformista quando propôs por diversas vezes uma colonização pacífica. Ele soube muito bem situar-se nas lutas jurídicas e políticas da época, procurando o favor da Corte, dos reis, que, se queriam a conquista, também temiam a excessiva autonomia da classe encomendeira. Por esta razão, vários de seus pleitos tiveram alguma vitória.

Lendo seus escritos, alguns longos e monótonos, como se ele estivesse batendo numa pedra sempre com o mesmo bastão, pode-se perceber como era um teólogo medieval, até conservador e tradicionalista. Se observamos a quem Las Casas cita, veremos freqüentemente aparecerem Santo Agostinho, Santo Tomás de Aquino, São Jerônimo, S. Crisóstomo, os concílios, textos dos dois Testamentos da Bíblia, filósofos, especialmente Aristóteles. Quer dizer, a originalidade de Las Casas não está aí. Por isto achamos um tanto deslocado falar em Las Casas como teólogo da libertação. A Teologia da Libertação nasce em outro tempo, segundo outras premissas e numa situação muito concreta, na qual, como diz Gutierrez, um novo sujeito histórico emerge na cena política e na cena eclesiástica, e com tal força que não é mais possível ignorar: as grandes massas empobrecidas, as massas indígenas e negras, as minorias marginalizadas. Este não é definitivamente o caso de Las Casas. Nele encontramos um sujeito histórico diferente: um pequeno e aguerrido grupo de clérigos indigenistas que se colocaram a tarefa de defender os índios. Mas não encontramos a luta autônoma dos próprios índios. Las Casas sem dúvida amava os índios. Mas em grande medida era um amor assimilacionista, paternalista, que obscureceu o sujeito desse amor. No exemplo de Enriquillo talvez possamos compreender isto melhor: em 1528 Las Casas volta à ação no caso do movimento de resistência do cacique Guarocuya, que os espanhóis chamavam de Enriquillo. Este cacique fugiu com sua gente em 1519 para as montanhas e estabeleceu lá um verdadeiro centro guerrilheiro que fustigava desde a selva os espanhóis. Mires informa que ele era um verdadeiro chefe popular, ponto de atração para muitos índios e inclusive negros. Como os espanhóis não conseguissem a vitória militar, buscaram fazer um pacto com o cacique. Nesse período Las Casas serviu como negociador, e conseguiu finalmente em 1533 a deposição das armas com a condição de que os índios teriam reparadas as afrontas recebidas. Com esta rendição, Las Casas queria demonstrar que, reconhecendo-se os direitos dos índios, era possível evitar as guerras. Mas tal fato como se sabe não teve a menor importância na seqüência histórica. Os índios continuaram sendo mortos e dizimados<sup>32</sup>. Mires opina que, em

consequência, não foi um revolucionário. Ele não queria transformar o mundo<sup>33</sup>. Queria simplesmente justiça. E por esta justiça se empenhou.

A originalidade de Las Casas está no fato de valorizar o outro, o índio, e desvalorizar radicalmente o seu lado, o espanhol. Apesar do esquematismo de sua visão, isto o coloca como um verdadeiro profeta. Todorov chega a dizer que, na prática, Las Casas renuncia, no fim da vida, à sua atitude assimilacionista e toma uma "atitude 'neutra': os índios decidirão eles mesmos acerca de seu próprio futuro"<sup>34</sup>.

Esta posição continua válida até hoje. A nova perspectiva missionária latino-americana propõe justamente que serão os povos indígenas os artífices de sua libertação, evidentemente em alianças com setores oprimidos das nossas sociedades. Portanto, não temos dúvida que, estando hoje entre nós, Las Casas estaria ao lado do movimento indígena. Movimento ainda fraco, quase imperceptível, mas que avança.

### **Conclusão: o Desafio Permanente de Las Casas**

Neste trabalho procuramos investigar a trajetória missionária de Las Casas para ver se, de fato, sua teologia poderia ser caracterizada como da libertação.

Procuramos nos ater aos levantamentos históricos de sua vida, estudamos alguns dos episódios mais importantes que significaram verdadeiras mudanças, para melhor entendermos os seus próprios escritos.

Ainda que de forma sumária, apresentamos dois de seus escritos mais importantes, *Del Unico Modo* e a *Brevíssima Relação da Destruição das Índias*.

De tudo isto chegamos a concluir que Las Casas foi um personagem extraordinário, por sua opção, sempre mais radical, em defesa da causa dos índios. Mas não foi um revolucionário ou coisa que o valha. Não é possível exagerar a sua contribuição. Na verdade, Las Casas é um representante de um grupo de clérigos e frades que assumiram a causa indigenista e a levaram até as últimas consequências, alguns dos quais chegaram ao próprio martírio.

Outra conclusão importante é o fato de Las Casas ter sido de uma coerência constante e cada vez mais profunda e clara. Original é, no final de sua vida, ele praticamente ter aberto mão de sua atitude assimilacionista e ter finalmente descoberto o outro, em toda a sua inteireza e direitos. Também os índios têm um modo de se aproximar do Pai, e este modo é válido e deve ser respeitado.

Ficamos pensando em uma nova tarefa: seria interessante tentar uma comparação entre Las Casas e Lutero. Um, reformando a Igreja na Europa. Outro, denunciando a mesma Igreja e o império espanhol romano-germânico desde as Índias. Lutero foi um teólogo na acepção maior do termo. Las Casas foi um profeta, um missionário que se colocou inteiramente ao lado das vítimas da destruição, um reformador social. Ambos, movi-

dos fundamentalmente por sua fé. Muita coisa os diferencia, a começar pelo próprio entendimento desta fé. Mas não haverá neles muito de desafio para nós, ainda hoje?

## Bibliografia

- COLL, Josefina Oliva. *A Resistência Indígena*. Do México à Patagônia, a história dos índios contra os conquistadores. P. Alegre/S. Paulo, 1986 (L&PM, Série Visão dos Vencidos, v. 3).
- COLOMBO, Cristóvão. *Diários da Descoberta da América*. As 4 viagens e o testamento. 2. ed. P. Alegre, 1984 (L&PM, Série Visão do Paraíso, v. 1).
- DREHER, Martin N. (org.) *Reflexões em torno de Lutero* (vol. II). S. Leopoldo, 1984 (Série Lutero — Estudos 4).
- GUTIERREZ, Gustavo. "Quién es el Índio? La perspectiva teológica de Bartolomé de Las Casas." In: *Iglesia, Pueblos y Culturas*. Año III, abril-junio 1988, n° 9 (Ed. Abya Yala, Quito).
- LAS CASAS, Bartolomé. *Del Único Modo de Atraer a Todos los Pueblos a la Verdadera Religión*. 2. ed. México, 1975 (Advertencia Preliminar de Agustín Millares Carlo e Introducción de Lewis Hanke. Fondo de Cultura Económica. Colección Popular).
- LAS CASAS, Bartolomé. *Brevíssima Relação da Destruição das Índias*. O Paraíso Perdido. A sangrenta história da conquista da América espanhola, 4. ed. P. Alegre, 1985 (L&PM, Série Visão dos Vencidos, v. 1).
- LEON-PORTILLA, Miguel. *A Conquista da América Latina vista pelos Índios*, Relatos astecas, maias e incas. 3. ed. Petrópolis, Vozes, 1987.
- MARTÍ, José. *El Padre Las Casas*. In: *Obras Completas*. La Habana, 1976 (v. 18: Teatro, Novela, La Edad de Oro) (Ed. de Ciencias Sociales).
- MIRES, Fernando. *En Nombre de la Cruz*. Discusiones teológicas y políticas frente al holocausto de los índios (período de conquista). San José, 1986 (DEI).
- MIRES, Fernando. *La Colonización de las Almas*. Misión y Conquista en Hispanoamérica. San José, 1987 (DEI).
- NERUDA, Pablo. *Canto Geral*. 4. ed. S. Paulo, 1981 (DIFEL).
- PRIEN, Hans-Jürgen. *Historia del Cristianismo en América Latina*. Salamanca/S. Leopoldo, Ed. Sígueme/Sinodal, 1985.
- REB 30, Petrópolis, 1970.
- RODRÍGUEZ, Jorge Luis. *A Favor das Nações Unidas Indígenas*. Um estudo dos memoriais de Frei Bartolomé de Las Casas de 1516 e 1518 e da Brevíssima Relação da Destruição das índias. Tese de Mestrado em Ciências da Religião. Instituto Metodista de Ensino Superior, S. Bernardo do Campo, 1988.
- TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América*. A questão do outro. S. Paulo, Livraria Martins Fontes Editora, 1983.

## Notas

- 1 COLOMBO, Cristóvão. *Diários da Descoberta da América*. As 4 viagens e o testamento. P. Alegre, L&PM, Série Visão do Paraíso, vol.1, 1984 (2. ed.), pp. 44s.
- 2 Idem, p. 46.

- 3 RODRÍGUEZ, Jorge Luis. *A Favor das Nações Indígenas*. Um estudo dos memoriais de Frei Bartolomé de Las Casas de 1516 e 1518 e da Brevíssima Relação da Destruição das Índias. Tese de Mestrado em Ciências da Religião, Instituto Metodista de Ensino Superior, S. Bernardo do Campo, 1988, p. 42.
- 4 Idem, p. 42a.
- 5 Idem, p. 42a. Segui o original de LAS CASAS, Bartolomé. *História de Las Índias*, Fondo de Cultura Económica, México, 1981, p. 441.
- 6 MIRES, Fernando. *La Colonización de las Almas*. Misión y Conquista en Hispanoamérica, San José da Costa Rica, DEI, 1987, p. 81.
- 7 In: *Brevíssima Relação da Destruição das Índias*. O Paraíso Perdido, P. Alegre, L&PM, Série Visão dos Vencidos, vol. 1, 1985, (4. ed.), p. 33.
- 8 MIRES, Fernando. *En Nombre de la Cruz*, Discusiones teológicas y políticas frente al holocausto de los índios (período de conquista). San José, DEI, 1986, pp. 77ss.
- 9 Idem, p. 83.
- 10 Idem, p. 84, cit. de Silvio ZAVALA, *La Encomienda Indiana*, Madrid, 1935, p. 1.
- 11 PRIEN, H.-J. *Historia del Cristianismo en América Latina*, Salamanca/S. Leopoldo, 1985, p. 165.
- 12 RODRÍGUEZ, Jorge Luis. Op. cit., pp. 26-28, onde se pode ler o texto original na íntegra.
- 13 HOORNAERT, Eduardo. *Las Casas ou Sepúlveda? O Futuro da Igreja no Brasil*, REB 30 (1970), p. 852.
- 14 MIRES, Fernando. Op. cit., 1987, p. 82.
- 15 RODRÍGUEZ, Jorge Luis. Op. cit., pp. 44s.
- 16 RODRÍGUEZ, Jorge Luis. Op. cit., p. 49.
- 17 MIRES, Fernando (1986). pp. 114ss.
- 18 LAS CASAS, Bartolomé. Op. cit., Fondo de Cultura Económica, México, 1975 (2. ed.). Introducción de Lewis Hanke.
- 19 HANKE, Lewis. Introducción, in LAS CASAS, B. Op. cit., p. 22. Na seqüência, os números entre parênteses são as páginas de *Del Unico Modo*.
- 20 LAS CASAS, Bartolomé. (1984, 4. ed.) Os números entre parênteses são desta edição.
- 21 Cf. in: RODRÍGUEZ, Jorge Luis. Op. cit., pp. 189-202, um resumo da história e percalços da tradução portuguesa.
- 22 MIRES, Fernando. (1986), p. 63.
- 23 In MIRES, Fernando. Op. cit. (1986), pp. 69s.
- 24 In MIRES, Fernando. Idem, p. 73.
- 25 LAS CASAS, Bartolomé. (1984), pp. 116s.
- 26 Idem, p. 121.
- 27 TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América*. A Questão do Outro, S. Paulo, 1983 (Martins Fontes), p. 187.
- 28 Idem, p. 189.
- 29 RODRÍGUEZ, Jorge Luis. Op. cit., p. 57.
- 30 GUTIÉRREZ, Gustavo. *Quién es el Indio? La perspectiva teológica de Bartolomé de Las Casas*, in: *Iglesia, Pueblos y Culturas*, Año III, abril-junio 1988, n° 9, cit. abaixo cf. p. 11.
- 31 Idem, cit. na p. 20.
- 32 MIRES, Fernando. (1987), pp. 92 s.
- 33 MIRES, Fernando. (1986), p. 186.
- 34 TODOROV, Tzvetan. Op. cit., p. 191.